



CADERNO DE RESUMOS

XX Simpósio de Filosofia UEM:

Habitar a técnica e pensar a filosofia na era digital

16, 17 e 18 de junho de 2026 / Campus Sede da UEM, Bloco H-35 sala 02 - Maringá-PR

Universidade Estadual de Maringá - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
– Departamento de Filosofia – Programa de Pós-Graduação em Filosofia



Departamento de
Filosofia



Programa de
Pós-Graduação em
Filosofia

APRESENTAÇÃO

O 20º Simpósio de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá terá como tema “Habitar a técnica: pensar a filosofia na era digital”, propondo uma reflexão sobre o lugar da filosofia diante da crescente integração entre vida, tecnologia e pensamento. O evento busca reunir pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas da filosofia e de campos afins para discutir os modos pelos quais a técnica, longe de ser mero instrumento, tornou-se o meio no qual existimos, pensamos e criamos.

Inserido nas atividades do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UEM (PGF-UEM), o Simpósio visa fomentar o debate sobre as transformações ontológicas, éticas, estéticas e políticas que caracterizam a era digital. Em um tempo em que os dispositivos técnicos modelam a percepção, a linguagem e a própria experiência do real, pensar o significado filosófico da técnica é também repensar as fronteiras entre natureza e artifício, humano e maquínico, conhecimento e poder.

O tema “Habitar a técnica” convida à reflexão sobre a possibilidade de uma convivência mais consciente e criativa com os artefatos e sistemas tecnológicos que estruturam a contemporaneidade. Trata-se de investigar de que modo a filosofia pode contribuir para compreender — e talvez transformar — o modo como habitamos o mundo técnico, resgatando dimensões esquecidas da experiência, da imaginação e do cuidado.

Ao propor “Pensar a Filosofia na Era Digital”, o Simpósio busca articular perspectivas da filosofia da técnica, da epistemologia, da estética e da ética contemporâneas, assim como do diálogo intercultural e das ontologias não modernas. Essa abordagem pretende abrir espaço para pensar tanto as promessas quanto as ameaças do mundo automatizado, problematizando temas como inteligência artificial, capitalismo de vigilância, algoritmos, cibercultura, biotecnologia e sustentabilidade tecnológica.

O evento contará com conferências, mesas-redondas, comunicações de pesquisa e apresentações culturais, reafirmando o compromisso do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UEM com a produção de conhecimento crítico e plural.

O 20º Simpósio de Filosofia da UEM dará continuidade ao esforço coletivo de consolidar a filosofia como espaço de reflexão viva e interdisciplinar, capaz de enfrentar os desafios intelectuais e éticos do nosso tempo.

XX Simpósio de Filosofia UEM: habitar a técnica e pensar a filosofia na era digital

Coordenador: Prof. Dr. Max Rogério Vicentini

Comitê científico

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden, UFSCar
Prof. Dra. Heloisa Helena Siqueira Correia, UNIR
Prof. Dr. Ivã Gurgel, USP
Prof. Dr. Jelson Roberto de Oliveira, PUCPR
Prof. Dra. Juliana Moroni, UNESP
Prof. Dr. Max Rogério Vicentini (UEM)
Prof. Dra. Patrícia Coradim Sita (UEM)
Prof. Dr. Renan Henrique Baggio, UENP
Prof. Dr. Robespierre de Oliveira (UEM)
Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos (UEM)

Organização

Prof. Dra. Patrícia Coradim Sita (UEM)
Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos (UEM)
Luccas Vaz Dantas dos Santos
Paulo Renato Lima
Rosana Similli Pedro

Apoio técnico

Rosangela Scoaris
Rayanne Larissa V. de Oliveira
Marcelo Henrique da Silva
Angel Fernandes Bagio
Gian Carlos Galhardo

Comissão organizadora

Angel Fernandes Bagio
Carina Silva
Carolina Silva Garcia
Erika Aparecida de Freitas de Almeida
Estéfferson da Silva Rodrigues
Gabriela Cristina Sermanovicz de Oliveira
Luccas Vaz Dantas dos Santos
Marcelo Henrique da Silva
Marcos Elizio Paes
Matheus da Silva Fancheli Fernandes
Paulo Renato Lima
Rayanne Larissa V. de Oliveira
Rosana Similli Pedro

Universidade Estadual de Maringá /
Reitor Prof. Dr. Leandro Vanalli / Vice-reitora Prof. Dra. Gisele Mendes de Carvalho

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Diretora Prof. Dra. Érica Fernandes Alves / Diretor-adjunto Prof. Dr. Oséias da Silva Martinuci

Departamento de Filosofia Chefe: Prof. Dr. Mateus Ricardo F. Ferreira / Chefe Adjunto: Prof. Dr. Márcio Pires / Coordenador Dr. Murilo Furtado Coura / Coordenador Adjunto Dr. André Luiz Cruz Sousa

Programa de Pós-graduação em filosofia / Coordenador Prof. Dr. Evandro Luís Gomes / Coordenador-Adjunto Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos / Secretária Administrativa Rosangela Scoaris

PROGRAMAÇÃO

Terça-feira, 16 de junho

19h30 às 22h30

- **Abertura cultural:** intervenção artística
- **Conferência de abertura:** *“Natureza dinâmica e metáfora da máquina: limites do ‘relógio’ e possibilidades de uma técnica ‘interna’ ao natural”*
Prof. Dr. Wojciech Zbigniew Starzyński, Instituto de Filosofia e Sociologia da Academia Polonesa de Ciências

Quarta-feira, 17 de junho

8h às 12h

- **Sessões de comunicações**
Apresentação de trabalhos

14h às 17h

- **Mesa redonda:** *“Crenças, conflitos e algoritmos: mediações digitais da vida social”*
Prof. Dr. Renan Henrique Baggio, UENP
Profª. Dra. Juliana Moroni, UNESP

19h30 às 22h30

- **Conferência:** *“A crise de confiança nas ciências na era digital”*
Prof. Dr. Ivã Gurgel, USP
- **Conferência:** Distopia e Utopia: tecnologia, progresso e neofascismo
Prof. Dr. Robespierre de Oliveira, UEM

Quinta-feira, 18 de junho

8h às 12h

- **Sessões de comunicações**
Apresentação de trabalhos

14h às 17h

- **Mesa redonda:** *“Habitar mundos em mediação: técnica, semiose, perspectivismo e cosmopolíticas do viver”*
Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden, UFSCar
Profª. Dra. Heloisa Helena Siqueira Correia, UNIR
Prof. Dr. Max Rogério Vicentini, UEM

19h30 às 22h30

- **Conferência de encerramento:** “*A tecnologia como vontade de ilimitado poder: o desafio do nihilismo*”

Prof. Dr. Jelson Roberto de Oliveira, PUCPR

COMUNICAÇÕES

QUARTA-FEIRA, 17 DE JUNHO / UEM – BLOCO H-35 / SALA 2

Mediador (a)	08h00-08h15	<i>Interioridade e linguagem em Agostinho</i> <i>Angel Fernandes Bagio (Mestrando PGF-UEM)</i>	
	Grupo A:	08h15-08h30	<i>Os transcendentais em Tomás de Aquino</i> <i>Lucas Henrique Fiori Gomes (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)</i>
Luccas Vaz		08h30-08h45	<i>A ideia de sumo bem no tratado De Trinitate de Agostinho</i> <i>Roger Pereira Vivan (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)</i>
Dantas dos Santos	08h45-09h00	<i>A Gestell Heideggeriana e o karma budista como modos de desocultamento do real</i> <i>Jeferson Wruck (Doutorando PGF – UEM)</i>	
	09h00-09h15	<i>Organismos técnicos e máquinas evolutivas</i> <i>Luccas Vaz Dantas dos Santos (Doutorando PGF – UEM) (CAPES)</i>	
	09h15-09h30	<i>Forma viva no pensamento de Susanne K. Langer</i> <i>Rosana Similli Pedro (Mestranda PGF – UEM) (CNPq)</i>	
	09h30-10h00	<i>Questões gerais (30 min)</i>	
-----	10h00-10h15	<i>Intervalo (15 min)</i>	
Mediador (a)	Grupo B:	10h15-10h30	<i>A retórica e suas relações com a ciência em Vico</i> <i>Juliana Yoshie Fujii (Mestranda PGF – UEM) (CAPES)</i>
Rosana Similli Pedro		10h30-10h45	<i>Faces da Heroína: análise da construção de personagens femininas na literatura grecoromana</i> <i>Stephanie Marques Soares Guimarães (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)</i>
	10h45-11h00	<i>Sobre o fundamento do prazer com objectos trágicos em Friedrich Schiller</i> <i>Matheus Oliveira Pinheiro da Silva (Mestrando – PGF – UEM) (CAPES)</i>	
	11h00-11h15	<i>Questões gerais (15 min)</i>	

COMUNICAÇÕES

QUINTA-FEIRA, 18 DE JUNHO / UEM – BLOCO H-35 / SALA 1

Mediador (a) Grupo A:	08h00- 08h15	<i>O feminismo como antídoto ao preconceito curricular</i> <i>Carina Silva (Mestranda PGF – UEM)</i>
	08h15- 08h30	<i>Simondon e os paradigmas da tecnicidade</i> <i>João Gabriel de Oliveira Moraes (Mestrando PPGFil – UFMT) (CAPES)</i>
Carina Silva	08h30- 08h45	<i>Inteligência artificial e niilismo computacional: automatização e crise da experiência</i> <i>Lucas Murata (Doutorando PPGFIL – UEL) (CAPES)</i>
	08h45- 09h00	<i>Big data e resistência criativa na era da governamentalidade algorítmica: questões entre o transhumano e o pós-humano</i> <i>Thien Spinelli Ferraz (Mestrando PPGFIL – UNESP)</i>
	09h00- 09h15	<i>Da tecnologia moderna às cosmotécnicas? Refigurando as relações entre natureza e tecnologia em paisagens mais-que-humanas</i> <i>Guilherme Romani Stadler (Mestrando PGC – UEM)</i>
	09h15- 09h30	<i>Tecnologia e democratização: um olhar à filosofia da tecnologia de Andrew Feenberg</i> <i>Fernanda de Oliveira Pavão Mascarin (Licenciatura em Filosofia – UEM)</i>
	09h30- 10h00	<i>Questões gerais (30 min)</i>
	10h00- 10h15	<i>Intervalo (15 min)</i>

Mediador (a) Grupo B:	10h15- 10h30	<i>Lutero e o Algoritmo Medieval: Em Busca de Novos Horizontes</i> <i>Eduardo Sales de Lima (Doutorando PGF – UEM)</i>
	10h30- 10h45	<i>O conceito psicanalítico de sentimento de culpa na teoria crítica marcuseana</i> <i>Paulo Rossato (Mestrando PGF – UEM)</i>
Rosana Similli Pedro	10h45- 11h00	<i>Habitar o Apparatus: Marcuse, cultura midiática e a administração algorítmica da negatividade</i> <i>Ray Marloon (Mestrando PGF – UEM) (CAPES)</i>
	11h00- 11h15	<i>Questões gerais (15 min)</i>

COMUNICAÇÕES

QUINTA-FEIRA, 18 DE JUNHO / UEM – BLOCO H-35 / SALA 2

Mediador (a) Grupo A: Carolina Silva Garcia	08h00- 08h15	<i>A intencionalidade à sensibilidade como proximidade ou do intencional ao ético</i> <i>Sergio Sartor (Mestrando PGF – UEM) (CAPES)</i>
	08h15- 08h30	<i>O homem e as coisas: a fenomenologia materialista de Francis Ponge</i> <i>Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes (Doutorando PGF – UEM)</i>
	08h30- 08h45	<i>Ser ou parecer? Reflexões sobre a existência inautêntica à luz de Martin Heidegger</i> <i>Tiffany Ioannidis (Mestranda PGF – UEM) (CAPES)</i>
	08h45- 09h00	<i>A estrutura do conhecimento entre ontologia e corporeidade: Santo Tomás de Aquino e Merleau-Ponty</i> <i>Fernanda Elena Tenório Altvater (Doutoranda IFPR – UNESP)</i>
	09h00- 09h15	<i>Técnicas indígenas ancestrais e a tecnologia na contemporaneidade indígena</i> <i>Sinclair Pozza Casemiro (PGF – UEM)</i>
	09h15- 09h30	<i>O vitalismo de Nietzsche</i> <i>Wellington Sa da Silva (Mestrando PGF – UEM)</i>
	09h30- 10h00	<i>Questões gerais (30 min)</i>
----- Mediador (a) Grupo B:	10h00- 10h15	<i>Intervalo (15 min)</i>
Carolina Silva Garcia	10h15- 10h30	<i>Democracia em risco: uma análise contemporânea a partir de Levitsky e Ziblatt</i> <i>Henrique Balbino de Brito (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)</i>
	10h30- 10h45	<i>O conflito político como fundamento do principado civil em O Príncipe IX</i> <i>Estéfferson da Silva Rodrigues (Mestrando PGF – UEM) (Fundação Araucária)</i>
	10h45- 11h00	<i>Entendimento no esclarecimento de Kant</i> <i>Daniel Stein Ono (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)</i>
	11h00- 11h15	<i>Questões gerais (15 min)</i>

CONFERÊNCIAS

- Wojciech Zbigniew Starzyński (Instituto de Filosofia e Sociologia da Academia Polonesa de Ciências)

Natureza dinâmica e metáfora da máquina: limites do 'relógio' e possibilidades de uma técnica 'interna' ao natural

- Ivã Gurgel (IFUSP)

A crise de confiança nas ciências na era digital

- Robespierre de Oliveira (UEM)

Distopia e Utopia: tecnologia, progresso e neofascismo

- Jelson Roberto de Oliveira (PUCPR)

A tecnologia como vontade de ilimitado poder: o desafio do niilismo

CONFERÊNCIAS / MESA REDONDA

- Renan Henrique Baggio (UENP)

Crenças que viralizam: uma análise semiótico-pragmática dos ambientes digitais

- Juliana Moroni (Pós-doutoranda em Filosofia - UNESP/CNPq)

Discurso de ódio na esfera digital: o papel dos algoritmos discriminatórios na geração de conflitos na opinião pública

- Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCar)

Entre a natureza e o indígena: Ética da caça e biocentrismo no habitar mundos multiespécies

- Heloisa Helena Siqueira Correia (UNIR)

Humanos e outros-que-humanos: coabitantes de técnicas, saberes e epistemologias

- Max Rogério Vicentini (UEM)

Habitar como mediação: semiose, técnica e mundos possíveis

RESUMOS

Interioridade e linguagem em Agostinho

Angel Fernandes Bagio (Mestrando PGF-UEM)

A presente comunicação visa apresentar o projeto de pesquisa submetido ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Maringá em 2025. O projeto teve como tema a linguagem e a interioridade em Agostinho de Hipona. Para a ideia de linguagem, tomou-se conceitos do *De Magistro* e, para a de interioridade, das *Confessiones*. Para Agostinho, há, no homem, duas realidades: o homem exterior e o homem interior. Os signos da linguagem, como argumenta no *De Magistro*, são percebidos pelo homem na sua exterioridade, portanto, pelo homem exterior e levados à interioridade. No entanto, tais signos podem conter mentira e dissimulação, não conduzindo o homem à verdade, que é alcançada apenas por quem se volta para a interioridade, longe do exterior comunicativo e social. Outro ponto importante é que, ao tomar conhecimento do neoplatonismo, Agostinho assume a importância do “conhece-te a ti mesmo”, salientando que a filosofia é o conhecimento de si próprio e de Deus. O conhecer a si mesmo só será possível, na filosofia agostiniana, pela interioridade, que não é um referencial teórico, mas, antes, um movimento do homem para seu próprio interior, onde vislumbra a verdade após uma atitude de solitude e reflexão conduzida unicamente pela providência de Deus. Nesta atitude reflexiva e voltada para a solitude, isto é, a interioridade, o homem é comunicado da verdade por intermédio do contato com Cristo, o Mestre Interior.

O feminismo como antídoto ao preconceito curricular

Carina Silva (Mestranda PGF – UEM)

Donna Haraway, no sexto capítulo de sua obra *A reinvenção da natureza, símios, ciborgues e mulheres*, ao descrever a metodologia aplicada para ler a escritora anglo-nigeriana Buchi Emecheta, explicita um procedimento metodológico que raramente encontramos nos currículos de graduação em Filosofia. Para analisar os romances de Emecheta, Haraway não recorre a um cânone filosófico preestabelecido, nem busca enquadrar a autora em categorias teóricas europeias como condição de legitimidade. Em vez disso, ela mobiliza duas outras pensadoras: Chikwenye Okonjo Ogunyemi e Barbara Christian, como interlocutoras fundamentais para a construção de sua própria leitura, ao mesmo tempo em que oferece seu relato pessoal e situado. Ou seja, Haraway ensina, com sua escolha metodológica, que estudar mulheres (nome da disciplina ministrada por ela) não é aplicar um método universal, mas sim reconhecer onde reside a competência científica para analisar determinadas obras. Ela não escolhe Ogunyemi e Christian por acaso, nem de modo genérico somente como inclusão horizontal. Barbara Christian era professora na Universidade da Califórnia em Berkeley e pioneira da crítica literária feminista negra. Ogunyemi era professora de literaturas afro-americana e africana no Departamento de Inglês da Universidade de Ibadan, na Nigéria. Ambas são especialistas com propriedade científica reconhecida nas temáticas tratadas. Haraway, por sua vez, também é especialista no assunto. Fica claro, portanto, que sua escolha metodológica é orientada pelo rigor científico e pela especialização legítima das interlocutoras convocadas.

Entendimento no esclarecimento de Kant

Daniel Stein Ono (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)

Em seu texto “Resposta à questão: O que é esclarecimento” Kant discorre sobre o pensamento autônomo. O opúsculo em seu primeiro parágrafo já apresenta (de modo sucinto) seus principais temas de discussão, a dizer, esclarecimento, menoridade, e entendimento. Inicialmente, esclarecimento é descrito como a postura inversa a menoridade. Esta, por sua vez, é definida do seguinte modo “menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento, sem direção alheia” pensamento sintetizado pelo lema do *sapere aude* "ouse fazer uso de teu próprio entendimento". O uso da palavra entendimento aqui pode gerar interpretações equivocadas. Para aqueles próximos ao pensamento kantiano, o termo entendimento é familiar, sendo descrito na *Crítica da Razão Pura* como a faculdade cognitiva responsável pela organização dos fenômenos. Pode parecer que Kant na crítica trata de um entendimento distinto ao citado na “Resposta a questão: O que é esclarecimento”, atribuindo ao segundo uma noção de entendimento similar a um bom senso. Entretanto, não há diferença entre ambos os usos do entendimento. Em outros termos, entendimento na crítica e neste texto são o mesmo. Portanto, busca-se examinar quais são os elementos colocados na *Crítica da Razão Pura* e na *Crítica da Faculdade de Julgar* que permitem compreender o que caracteriza um uso do entendimento em vista do esclarecimento.

Lutero e o Algoritmo Medieval: Em Busca de Novos Horizontes

Eduardo Sales de Lima (Doutorando PGF – UEM)

O artigo propõe a categoria de "algoritmo" como lente filosófica para sistemas fechados de processamento da realidade, aplicando-a ao dogma escolástico tardio e ao ambiente digital contemporâneo. A hipótese central é que a escolástica tardia operava algoritmicamente, domesticando o horizonte transcendente e produzindo o fechamento do devir. E que Lutero representa um caso paradigmático de ruptura, isso devido à sua posição singular, entre a formação terminista em Erfurt e a experiência monástica agostiniana, que lhe permitiu habitar horizontes irreduzíveis que o sistema não conseguia unificar. Para essa verificação, o argumento desenvolve três movimentos articulados a partir de Lutero: 1. O Deus absconditus como operador logicoteológico para preservação do devir. 2. O Deus absconditus sub contrário como epistemologia de ruptura, busca o real onde o sistema não vigia. 3. O simul justus et peccator como abertura permanente de horizontes irreduzíveis que impede o fechamento do presente e mantém o futuro como horizonte real e operante. Em diálogo com Bloch e Heidegger, o artigo identifica ressonâncias entre a proposta de Lutero e as estruturas seculares do horizonte irreduzível. Diante da prática de fechamento de horizontes operada pelo algoritmo digital contemporâneo, será que a proposta de Lutero continua viável para a manutenção de horizontes que o sistema não consegue processar?

O conflito político como fundamento do principado civil em O Príncipe IX

Estéfferson da Silva Rodrigues (Mestrando PGF – UEM) (Fundação Araucária)

Esta comunicação analisa o capítulo IX de *O Príncipe*, examinando o principado civil como produto da dinâmica conflitiva entre povo e grandes. Defende-se que os humores constituem o fundamento da realidade política e que a conservação do governo depende da capacidade do príncipe de interpretar e conduzir as tensões decorrentes dessa relação.

Tecnologia e democratização: um olhar à filosofia da tecnologia de Andrew Feenberg

Fernanda de Oliveira Pavão Mascarin (Licenciatura em Filosofia – UEM)

Este trabalho resulta de reflexões sobre o estudo da teoria crítica da tecnologia de Andrew Feenberg, filósofo estadunidense que leciona no Canadá. Buscou se possibilidades de contribuição da filosofia para compreensão e transformação crítica das relações entre tecnologia e sociedade, assumindo se que a tecnologia perpassa todas as esferas da experiência humana e molda formas de existência e de relação com o mundo. Contra perspectivas deterministas que concebem a tecnologia como autônoma, neutra ou orientada exclusivamente pela eficiência, Feenberg sustenta que os processos tecnológicos são constituídos simultaneamente por fatores técnicos e sociais, configurando uma racionalidade sociotécnica. Analisaram se conceitos como democratização da tecnologia, dupla determinação, instrumentalização primária e secundária, mediação valorativa e recontextualização social dos artefatos técnicos. Nessa perspectiva, as tecnologias não apenas produzem formas de vida, mas também incorporam valores, interesses e relações de poder presentes nos contextos de sua elaboração. Nesse sentido, habitar a técnica na era digital exige reconhecer que o desenvolvimento tecnológico não é um processo predeterminado, mas permanece aberto à participação coletiva e à disputa de projetos sociais. A democratização da tecnologia – entendida como a inclusão da maior diversidade de atores possível na definição dos problemas, objetivos e soluções técnicas – apresenta-se como condição para a construção de tecnologias que incorporem valores éticos e sociais mais amplos, mais compatíveis com a dignidade humana, a justiça social e a sustentabilidade da vida. Conclui-se que a filosofia da tecnologia desempenha papel fundamental ao explicitar os significados e valores implícitos nos ambientes tecnológicos contemporâneos, fomentando reflexões capazes de orientar transformações democráticas da tecnologia, o que apoia a abertura de um campo de responsabilidade ética, política e cultural do desenvolvimento tecnológico. Tal posicionamento contribui com a superação da "ilusão da técnica", que nos leva a aceitar os impactos negativos da tecnologia como preço inerente ao progresso e à modernização.

A estrutura do conhecimento entre ontologia e corporeidade: Santo Tomás de Aquino e Merleau-Ponty

Fernanda Elena Tenório Altvater (Doutoranda IFPR – UNESP)

Discute-se a relação entre intencionalidade, imaterialidade e representação na gnoseologia de Santo Tomás de Aquino, destacando a tensão entre duas interpretações: seria a essência do conhecimento tomista a intencionalidade, que organiza a realidade conhecida, ou a imaterialidade, que garante a cognoscibilidade do objeto, distinguindo o conhecimento das operações materiais? Ambas são fundamentais e não excludentes, pois a intencionalidade evidencia o caráter relacional e ativo do ato cognitivo, enquanto a imaterialidade sustenta sua possibilidade ontológica. A diferença entre ser natural (*esse naturale*) e ser intencional (*esse intentionale*) é decisiva: conhecer não é copiar a realidade, mas acolhê-la como forma inteligível, operação imanente e aperfeiçoamento do sujeito. Tal representação não coincide com o representacionismo moderno em que a verdade se reduz à certeza da representação; ao contrário, o conhecimento abre-se à metafísica, ao ser; á simultaneidade entre intelecto e objeto, sem que o primeiro crie ou replique o segundo. Surge então a questão: o ato de conhecer seria apenas reação passiva às impressões externas? A resposta é negativa, pois conhecer é ação da inteligência e da sensibilidade, atualizando a potência cognitiva, engrandecendo ontologicamente o sujeito. Nesse ponto, Jacques Maritain, como intérprete neotomista, esclarece que o conhecimento não é simples recepção, mas perfeição do espírito, reforçando a ideia de que conhecer é ação que aperfeiçoa quem conhece. Portanto, cabe perguntar: como a intencionalidade tomasiana se articula em outras tradições? O fenomenólogo Merleau-Ponty entende-a como inseparável da corporeidade e da percepção, mostrando que o sujeito não é pura consciência, mas presença encarnada. Assim, enquanto Santo Tomás sublinha a imaterialidade como condição ontológica, o francês enfatiza sua dimensão vivida (*corporal*), revelando perspectivas distintas, mas complementares, sobre a mesma estrutura fundamental. Admite-se que a gnoseologia tomista articula intencionalidade e imaterialidade como dimensões inseparáveis, oferecendo

alternativa ao representacionismo moderno e permanecendo relevante para os debates epistemológicos contemporâneos.

Da tecnologia moderna às cosmotécnicas? Refigurando as relações entre natureza e tecnologia em paisagens mais-que-humanas

Guilherme Romani Stadler (Mestrando PGC – UEM)

Resumo: Esta proposta de trabalho busca articular os debates em torno da tecnologia e suas relações com natureza e cultura a partir do filósofo Yuk Hui e seu conceito de cosmotécnica, definido preliminarmente como a “unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas”, como enfrentamento à instrumentalização e homogeneização da tecnologia realizados pela modernidade. É também uma ideia de ‘ficar com o problema’ derivado da destruição de espaços-tempo de refúgio do Holoceno para as pessoas e outros seres mais-que-humanos em paisagens multiespécies arruinadas. Dessa maneira, propõe-se engajar um diálogo transversal da filosofia da tecnologia de Hui com a antropologia social contemporânea, especialmente a partir das contribuições de Donna Haraway, Anna Tsing e Tim Ingold, para se pensar tais proposições ao longo de infraestruturas e paisagens mais-que-humanas, onde tal atitude implicaria repensar os dualismos natureza/cultura e natureza/tecnologia como (re)figurações dos próprios sentidos de habitar e constituir relações em um mundo em transformação, criando abertura para novas “ficções persuasivas” em torno de humanos, animais e máquinas.

Democracia em risco: uma análise contemporânea a partir de Levitsky e Ziblatt

Henrique Balbino de Brito (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)

O trabalho analisa as crises da democracia contemporânea sob a ótica de Robert Dahl, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, diferenciando a concepção antiga da democracia real moderna, denominada poliarquia, que depende de instituições sólidas e cidadania inclusiva. Com base na obra "Como as democracias morrem", evidencia-se que o colapso democrático atual ocorre de maneira sorrateira e por dentro do próprio sistema, quando líderes com tendências autoritárias são eleitos legitimamente e passam a aparelhar o Estado. Esses governantes dão sinais claros de alerta, como a deslegitimação de opositores, a rejeição das regras do jogo, a tolerância à violência e a restrição de liberdades civis. Para conter essa degradação duas normas não escritas são essenciais: a tolerância mútua, que reconhece os rivais como adversários legítimos e não como inimigos mortais, e a reserva institucional, que evita o uso de brechas legais de má-fé para subverter o espírito da lei. A quebra sistemática dessas regras gera uma polarização extrema que coloca o regime em risco, uma realidade visível no histórico de instabilidade política do Brasil.

A Gestell Heideggeriana e o karma budista como modos de desocultamento do real

Jeferson Wruck (Doutorando PGF – UEM)

Esta pesquisa investiga a relação entre a noção heideggeriana de Gestell e o conceito budista de karma, compreendendo ambos como estruturas de abertura que condicionam o modo pelo qual a realidade se manifesta e é experienciada. O objetivo consiste em examinar as afinidades filosóficas entre a crítica de Martin Heidegger à técnica moderna e a compreensão budista da existência condicionada, buscando elucidar suas contribuições para a interpretação do niilismo contemporâneo. Na reflexão tardia de Heidegger, a Gestell não designa um aparato tecnológico específico, mas a essência da técnica moderna enquanto modo histórico de desvelamento. Trata-se da configuração ontológica pela qual os entes são convocados a aparecer como

recursos disponíveis à exploração, ao cálculo e ao controle. Nesse horizonte, a própria existência humana é integrada à lógica da disponibilidade, produzindo o esquecimento de formas mais originárias de manifestação do ser (Heidegger, 2012; 2007). De modo análogo, o budismo compreende o karma não apenas como uma relação causal entre ações e consequências, mas como uma dinâmica existencial fundada na ignorância (avidyā), que condiciona a experiência e perpetua a apreensão substancialista do eu e do mundo. O karma constitui, assim, um horizonte de manifestação no interior do qual os fenômenos são interpretados segundo padrões de apego, aversão e objetificação. Em ambos os casos, a abertura da realidade ocorre sob a forma de um ocultamento: a Gestell encobre outras possibilidades de revelação do ser, enquanto o karma obscurece a interdependência constitutiva dos fenômenos. A pesquisa sustenta que essa convergência permite compreender a técnica moderna como uma modalidade histórica de condicionamento ontológico. Em contrapartida, a Gelassenheit heideggeriana e o ideal budista do despertar indicam a possibilidade de uma abertura não apropriadora, fundada na superação da centralidade do sujeito e no reconhecimento da dimensão relacional da existência.

Simondon e os paradigmas da tecnicidade

João Gabriel de Oliveira Moraes (Mestrando PPGFil – UFMT) (CAPES)

A partir de uma discussão da noção de paradigma na obra de Simondon, como imagens que margem conforme o pensamento se individua, é possível notar que um dos elementos que move suas reflexões a respeito da tecnicidade é o paradigmático. Certas imagens da tecnicidade que expressam experiências passadas impedem o acesso à tecnicidade do presente. "Antes do grande desenvolvimento das técnicas, a cultura incorporava, a título de esquemas, de símbolos, de qualidade e de analogias, os principais tipos de técnicas, dando lugar a uma experiência vivida. A cultura atual, ao contrário, é a cultura antiga (...) O poder se torna literatura, arte da opinião (...) As funções diretivas são falsas, pois já não existe um código adequado de relações entre a realidade governada e os seres que governam" (Simondon, 2020, p. 49-50). Nesta apresentação, discute-se o problema dos paradigmas da tecnicidade a partir da filosofia de Simondon, seu esforço pela emergência de paradigmas adequados à tecnicidade do presente, e seu experimento pedagógico para a incorporação da tecnicidade com estudantes secundários nos anos de 1953 e 1954, no Liceu de Jovens de Tours.

A retórica e suas relações com a ciência em Vico

Juliana Yoshie Fujii (Mestranda PGF – UEM) (CAPES)

Vico contrapõe-se ao racionalismo cartesiano, que anula a subjetividade e desvaloriza as humanidades. Ele defende que a tópica deve anteceder a crítica, preservando a fantasia e a memória nos jovens. A imaginação e o engenho são, para ele, as chaves da criação e conjuntamente com a poética originária são os inícios da humanidade.

Os transcendentais em Tomás de Aquino

Lucas Henrique Fiori Gomes (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)

Como parte do projeto de pesquisa de iniciação científica (PIC) sobre o bem e o ente em São Tomás de Aquino, meu objetivo aqui é expor a doutrina dos transcendentais desenvolvida por Tomás na Suma de Teologia Questão 5 artigo 1, especialmente o conceito de transcendência e transcendental, apontando a distinção entre eles, e o modo como operam. Será indicado, inicialmente, o processo de construção do conjunto dos transcendentais, que se baseia na teoria aristotélica, mas que é ressignificada e remodelada por Tomás, não

com o sentido de “batizar” Aristóteles, mas de construir uma nova filosofia acerca dos transcendentais. Os transcendentais designados como uno, verdadeiro e bem são considerados de modo bastante especial por Tomás de Aquino. A natureza deles e sua relação com o ser e o ente; o modo como se constituem, podem transcender o ente e a sua natureza, perpassar as coisas criadas e as coisas incriadas, sendo princípios de causalidade para elas. Ao desmembrar e investigar esses conceitos, é possível permear o modo como Tomás compreendia a maneira como os seres são constituídos e, principalmente, como os transcendentais operam e agem no ente. Para Tomás de Aquino, os transcendentais se constituem como uma das principais formas de comunicação e interação entre o ser divino e o ser criado. Ao colocar a origem do bem, na conveniência do ente com o apetite e o verdadeiro, e na do ente para o intelecto, é apontado que essas características são percebidas pela alma, assim como o uno refere-se relação do ente com o ser.

Inteligência artificial e niilismo computacional: automatização e crise da experiência

Lucas Murata (Doutorando PPGFIL – UEL) (CAPES)

As discussões recentes sobre a inteligência artificial frequentemente se concentram em seus impactos econômicos, sociais ou regulatórios, deixando em segundo plano uma questão filosófica igualmente importante: de que modo a automatização algorítmica constitui a subjetividade na era digital. Partindo das reflexões de Bernard Stiegler sobre a técnica, este estudo propõe compreender a inteligência artificial generativa como uma radicalização dos processos técnicos de automatização da experiência. Para além de organizar o fluxo de informações, a IA generativa passa a automatizar formas de expressão e autocompreensão, devolvendo ao sujeito conteúdos que podem ser incorporados como se fossem sua própria voz, seu próprio desejo ou sua própria orientação. Aqui vemos a radicalização a crise da individuação descrita por Stiegler ao integrar formas autocompreensão a circuitos técnicos de retroalimentação da subjetividade. Em diálogo com a filosofia de Keiji Nishitani, o trabalho interpreta o niilismo computacional como uma configuração na qual processos automáticos de produção de sentido passam a administrar tecnicamente a experiência do eu. O valor específico de Nishitani para este argumento reside em sua insistência de que a pergunta “o que é o eu?” não pode ser respondida a partir do próprio eu moderno: é precisamente esse fechamento sobre si que a retroalimentação algorítmica radicaliza, ao oferecer ao sujeito uma imagem tecnicamente produzida de si mesmo no lugar da abertura que a questão exigiria. O niilismo computacional aparece, assim, quando o sujeito passa a habitar formas tecnicamente produzidas de si mesmo, encontrando em circuitos automáticos de retroalimentação aquilo que antes constituía a abertura problemática da experiência do eu.

O homem e as coisas: a fenomenologia materialista de Francis Ponge

Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes (Doutorando PGF – UEM)

Este trabalho investiga a poética de Francis Ponge a partir do ensaio “O homem e as coisas”, de Jean-Paul Sartre, publicado em “Situações I”. O filósofo aponta que Ponge estabelece uma interseção entre o ser Em-si e o ser Para-si em sua poesia. Entretanto, nessa relação, há uma valorização do ser Em-si em detrimento do Para-si. A consequência disso é a formação de uma dialética entre palavras e coisas, na qual o objetivo principal do poeta é dar “voz às coisas”. Sartre afirma que o interesse de Ponge é o da nomeação, uma busca pela adequação entre as palavras e coisas, mas de modo que o recurso nominativo não permaneça meramente arbitrário. Nesse aspecto, o poeta realiza uma espécie de “mineração poética”, procurando fazer com que a linguagem adquira a solidez do ser Em-si por meio de um antilirismo e da substancialização da língua. A partir da metáfora do molusco, Ponge concebe a fala como uma concha dura que envolve e protege o corpo mole do homem. Isso porque, diferentemente do ser Em-si, o homem é ser Para-si, ele é negatividade, transcendência

e abertura para possibilidades. Compreender a relação entre o homem e a linguagem abre caminho para pensar a relação entre o homem e as coisas nelas mesmas, exercício poético que Sartre classificou como uma fenomenologia materialista, ou seja, uma tentativa de aproximar a linguagem do ser Em-si das coisas, suspendendo o lirismo subjetivo para fazer emergir a espessura material do mundo, embora essa tentativa permaneça inevitavelmente humana.

Organismos técnicos e máquinas evolutivas

Luccas Vaz Dantas dos Santos (Doutorando PGF – UEM) (CAPES)

A organologia avançada por Canguilhem subverteu a analogia mecanicista ao tratar organismos não como máquinas, mas como mantendo uma continuidade funcional com máquinas que eles organizam. A vida é indissociavelmente técnica, embora tenha atingido apenas recentemente um nível exossomático de organização na vida antropomórfica. Tal como organismos, ferramentas e máquinas possuem uma origem irracional e em estados prévios de organização. A continuidade entre organismos e suas máquinas, no entanto, não implica que ambos sejam organologicamente equivalentes. Diferente das máquinas, organismos são normativos, pois tornam-se normais ou anormais em relação aos seus progenitores num mesmo nicho, e polivalentes, pois sua multifuncionalidade fenotípica e seu repositório genético os permite se adaptar a ambientes perigosos, ao invés de simplesmente parar de funcionar. Não obstante, as máquinas e suas peças também são normativas e polivalentes quando associadas ao seu ambiente social. Nesse sentido, no pensamento maquinico (ou, tentativamente, "mecanológico") de Deleuze e Guattari, tanto as "máquinas" orgânicas quanto as técnicas dependem de um filo que as produz historicamente e de um ecossistema que as sustenta funcionalmente. No caso das máquinas técnicas, o sistema de reprodução histórico e o nexos funcional são ambos sociais. A mecanologia deleuzoguattariana permite separar seres meramente físico-químicos dessas máquinas evolutivas, mas também diferencia entre as máquinas orgânica, técnica e social, cada qual com seu modo de instrução e execução. A tecnologia é marcada por certa autonomia da consciência e ciência humanas: funcionalmente, em sua cotidianidade, e historicamente, em sua "concretização" pautada pela eficiência (cf. Simondon e Heidegger). Esses fatores criam efeitos emergentes e violentos sobre a subjetivação humana. Estudos tecnológicos ignoram com frequência as "máquinas sociais" que absorvem as máquinas técnicas, i.e., configurações coletivas que fomentam e selecionam apenas inovações que lhes são compatíveis. A mecanologia amplia a organologia, oferecendo uma visão crítica e não-vitalista sobre a natureza das máquinas.

Sobre o fundamento do prazer com objectos trágicos em Friedrich Schiller

Matheus Oliveira Pinheiro da Silva (Mestrando – PGF – UEM) (CAPES)

Este trabalho investiga os princípios da teoria estética de Friedrich Schiller apresentados em seu ensaio Sobre o Fundamento do Prazer com Objectos Trágicos (1792), analisando o paradoxo psicológico de como a representação de cenas dolorosas e terríveis é capaz de gerar um profundo deleite no espectador. Afastando-se das tradicionais teorias moralistas e utilitaristas que tentavam justificar a arte por uma finalidade pedagógica ou puramente hedonista, Schiller argumenta que o verdadeiro fim da arte é produzir um prazer livre, que recusa a submissão a regras lógicas externas e se fundamenta na própria natureza ética e racional do ser humano. A investigação demonstra que o prazer trágico nasce de uma sensação mista: a comoção. Diante da catástrofe e do sofrimento do herói — momentos em que as finalidades naturais e físicas da autoconservação são brutalmente violadas —, o espectador experimenta uma inconformidade sensível que gera desprazer. No entanto, esse violento conflito serve como o pretexto ideal para despertar no ânimo a consciência de uma conformidade superior, ativando a razão como uma força absoluta, autônoma e supra-sensível.

O conceito psicanalítico de sentimento de culpa na teoria crítica marcuseana

Paulo Rossato (Mestrando PGF – UEM)

O propósito deste trabalho é estudar a função do conceito psicanalítico de sentimento de culpa no pensamento de Herbert Marcuse. Especificamente, fala-se da psicanálise de Sigmund Freud, tal como aplicada por Marcuse em sua obra *Eros e Civilização*. Observando estudos antropológicos de sua época, Freud teoriza que certas proibições sociais ainda presentes em tribos indígenas do século vinte constituem mecanismos de repressão por meio da culpa e que remanescem nas sociedades europeias de então. Longe de serem aleatórias, aquelas proibições teriam como alvo os comportamentos mais potencialmente danosos para o grupo, de modo que a culpa, funcionando como um reforçador da proibição, assumiria uma função de defesa civilizatória. Sabendo da proibição e das respectivas punições, os indivíduos internalizam a repressão, de modo que o pensamento tabu, mesmo que não materializado, configura fonte de culpa. Apesar do sofrimento psíquico, este seria o mecanismo fundamental para a formação das civilizações. Marcuse, por outro lado, desenvolve em *Eros e Civilização*, a tese de que, enquanto o mecanismo de culpa originalmente funciona como um elemento ordenador fundamental, este mecanismo sofre modificações estruturais de acordo com a forma histórica assumida pelas sociedades humanas. Focando na forma capitalista de sociedade, Marcuse mostra como o sentimento de culpa foi instrumentalizado para a manutenção de uma ordem social baseada no domínio e não na civilização. Partindo deste ponto, Marcuse aponta para a possibilidade de uma nova forma social, uma forma que supere o domínio e o sempre crescente sofrimento psíquico derivado do sentimento de culpa.

Habitar o Apparatus: Marcuse, cultura midiática, e a administração algorítmica da negatividade

Ray Marloon (Mestrando PGF – UEM) (CAPES)

A racionalidade tecnológica, em Herbert Marcuse, não designa apenas o uso de máquinas, dispositivos ou sistemas técnicos, mas uma forma histórica de organização da vida, do pensamento e da experiência. O problema, portanto, não está na técnica tomada abstratamente, como se a crítica filosófica devesse recusar seus meios, mas na racionalidade social que transforma autonomia, desejo, linguagem e percepção em funções administráveis. Habitar o técnico significa, nesse sentido, habitar um mundo em que a própria experiência tende a ser mediada pela lógica da eficiência, da produtividade e da integração. A partir de *Echo Apparatus: Marcuse & the Fate of Negativity after the Collapse of Experience*, a atualidade de Marcuse é pensada em diálogo com uma recepção brasileira consolidada desde os anos 1990, para qual a crítica da racionalidade tecnológica não é um elemento lateral, mas uma via decisiva para pensar dominação, emancipação e função histórica da filosofia. Dentro desse horizonte, essa crítica torna-se indispensável e incontornável: ela permite pensar não apenas a administração da sociedade, mas também a dos afetos. O ponto decisivo é que a negatividade já não precisa ser simplesmente reprimida; ela pode ser absorvida, formatada e devolvida como expressão compatível com o próprio aparato que prometia contextualizar. Para desenvolver esse problema, distingue-se *Wrath* e *Rage*: *Wrath* designa a cólera moralizada, legível e administrável pela ordem existente; *Rage*, por sua vez, nomeia a recusa afetiva que resiste à tradução em produtividade, desempenho ou conteúdo. Assim, a questão central torna-se saber se ainda é possível preservar a potência crítica da filosofia quando o aparato aprende a hospedar sua própria contestação.

A ideia de sumo bem no tratado *De Trinitate* de Agostinho

Roger Pereira Vivan (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)

O trabalho visa apresentar as noções de verdade e bem em Agostinho de Hipona, tal como formuladas no livro VIII do De Trinitate, livro este que se propõe a fazer uma investigação filosófica (e mística) da natureza trinitária. Os grandes pilares teóricos de Agostinho são a Sagrada Escritura e a filosofia neoplatônica, que por sua vez estava em vivo afloramento na época em que em que o autor deixa a vida pública, converte-se ao cristianismo e torna-se não mais um orador político, mas um místico teórico da fé cristã. As noções de “ideia”, além de outros elementos filosófico-metafísicos, que são encontrados em Agostinho bebem dessa fonte filosófica influenciada pelas teorias platônicas. Aqui, ao analisar as ideias de verdade e, principalmente, a de sumo bem, será possível identificar as influências neoplatônicas no pensamento agostiniano que serão decisivas para o funcionamento de sua filosofia (e teologia), mas principalmente de como a mente humana reconhece tais ideias não somente pela razão, mas também através da fé e do amor.

Forma lógica e forma viva no pensamento de Susanne K. Langer

Rosana Similli Pedro (Mestranda PGF – UEM) (CNPq)

Susanne K. Langer (1895-1985), que concebe a lógica como estudo das formas e padrões e em ativo diálogo crítico com o positivismo lógico, propõe uma teoria semântica na qual o significado não se reduz ao discurso proposicional. Conforme Langer, o ser humano transforma constantemente as experiências em símbolos e os termos dessas transformações podem se ajustar na expressão simbólica discursiva ou não discursiva. As expressões não discursivas estão presentes na arte. A expressão artística é capaz de simbolizar e não apenas indicar o dinamismo da vida interior dos sentimentos devido sua estrutura denominada forma viva capaz de articular sensível e particularmente o movimento mais básico, essencial, da vida: movimento e repouso. Ao admitir uma forma significativa não discursiva que é capaz de incorporar o padrão do sentimento, a filósofa amplia a noção de racionalidade humana para além daquela sustentada pelo discurso, este que tem como estrutura a forma lógica, e empreende um estudo semântico dedicado aos domínios antes considerados irracionais e ilógicos ou relegados ao domínio sintomático e autoexpressivo. Langer não se limita a analisar o símbolo no âmbito da linguagem estrita, mas considerando a razão como a percepção de padrão e forma, realiza interfaces com a estética e a filosofia da mente, todavia, nunca deixa de ser uma filósofa da lógica, isto é, uma filósofa das formas. O objetivo desta apresentação é analisar as particularidades da forma lógica e forma viva no contexto semântico langeriano visando expor as condições de expressão de cada uma.

A intencionalidade à sensibilidade como proximidade ou do intencional ao ético

Sergio Sartor (Mestrando PGF – UEM) (CAPES)

Um problema importante que se pode destacar da leitura que Levinas faz da fenomenologia de Husserl, considerando principalmente aquilo que concerne à sensibilidade, seu estatuto e sua possível valorização ou reabilitação, está ligado a certo “idealismo original” do pensamento husserliano. Este idealismo está pautado na atividade intencional da consciência que tem como base uma identificação idealizadora. Isso coloca, no centro da questão de todo encontro com o sensível, o ideal e o universal, mostrando-nos, na medida em que o integra à dinâmica do saber, que esse contato passa por mediações, e que o objeto idêntico visado pela consciência, e que deve ser tomado como resultado, constitui uma abstração que oculta horizontes esquecidos da vida da consciência. O nosso objetivo, nesta apresentação, será compreender esses aspectos, destacando a ideia de intencionalidade narradora, que passa por algo dado à tematização no saber e que nos mostra o contato mediado com o real; mas, também, para além disso, procuraremos, seguindo as reflexões de Levinas, determinar um contato imediato com o real, capaz de nos pôr diante de uma singularidade para além de todo universal, o que deve ser possível pela sensibilidade como proximidade ultrapassando sua inserção na dinâmica do saber. O ponto central desta apresentação está, então, ligado à ideia de que é possível, segundo o

pensamento levinasiano, alcançar o singular sem que haja a necessidade de realizar o desvio pelo universal, mostrando, desse modo, um singular que o precede; singularidade não-tematizável e que, assim, não é atravessada pela idealidade do saber. Na obra levinasiana, iremos nos concentrar, para compreender essa questão, no ensaio *Linguagem e proximidade* e no capítulo de *Outramente* que ser ou para além da essência relativo à sensibilidade.

Técnicas indígenas ancestrais e a tecnologia na contemporaneidade indígena

Sinclair Pozza Casemiro (PGF – UEM)

Unicamente assim,/Os inúmeros seres que/Se erguerão na morada terrena/E que não se desviarem do verdadeiro amor,/Viverão em harmonia (canto-oração de Ayvu Rapyta, conjunto de versos que trazem os "fundamentos do ser" ou "fundamentos da linguagem humana", instituindo o modo de ser na cosmologia Tupi-Guarani desde séculos anteriores à colonização, passados pela tradição oral. O "verdadeiro amor" se traduz em harmonia do bem-viver, o que significa caminhar, nomear e cuidar da Terra. Como fica a tecnologia, usando a natureza, para essa cultura indígena? Como vê a "demarcação de telas" no país? A partir dessas questões, serão apresentadas algumas técnicas ancestrais e a vivência Guarani na contemporaneidade tecnológica.

Faces da Heroína: análise da construção de personagens femininas na literatura grecoromana

Stephanie Marques Soares Guimarães (Licenciatura em Filosofia PIC – UEM)

O trabalho tem por objetivo investigar o processo de construção das personagens femininas nas narrativas literárias grecoromanas a fim de descobrir se existe uma trajetória comum definida para essas heroínas, assim como há para os heróis. Nesse contexto, é possível inferir que para o herói existe um modelo estabelecido, ou seja, um padrão a ser seguido quando se trata da composição da personagem masculina, revelando uma jornada completa que culmina com o cumprimento do seu destino. Desse modo, criou-se um padrão narrativo universal em que o heroísmo aparece muito mais ligado ao universo masculino, como é possível observar no livro de Joseph Campbell "O herói de mil faces", em que, a partir da investigação de diferentes mitos (monomito), o autor traça uma teoria sobre a jornada do herói, revelando um padrão comum no que concerne à construção desse tipo de personagem. Porém, quando se trata da heroína pouco ou nada se sabe, na íntegra, sobre sua trajetória, que, a princípio, parece sempre ter uma relação de dependência daquela destinada ao herói. Nesse contexto, a partir das etapas estabelecidas por Campbell para a jornada heroica (a partida, a iniciação e o retorno) verificaremos se é possível traçar um percurso padrão para a personagem feminina nas narrativas mitológicas, a ponto de ser possível ou não estabelecer uma jornada da heroína, tal qual foi estabelecida para a personagem masculina.

Big data e resistência criativa na era da governamentalidade algorítmica: questões entre o transhumano e o pós-humano

Thien Spinelli Ferraz (Mestrando PPGFIL – UNESP)

Nesta pesquisa investigaremos as implicações filosóficas e semióticas dos processos de experimentação e controle da criatividade que emergem no contexto sociocultural contemporâneo dominado pelas relações entre o Big Data – o conjunto de técnicas de captação e processamento massivo de dados – e a Governamentalidade Algorítmica – os condicionamentos cognitivos e comportamentais realizados através da eficiência preditiva e generativa dos algoritmos. Neste propósito, trabalharemos as seguintes hipóteses: 1 – Há uma sofisticação das

técnicas de captura e processamento massivo de dados no Big Data que cria dinâmicas biopolíticas de controle estruturantes da Governamentalidade Algorítmica, o que reconfigura as formas de experimentação da criatividade; 2– A Governamentalidade Algorítmica busca reduzir a criatividade a um eficaz cálculo probabilístico (preditivo ou generativo), viés que em grande medida parece coincidir com ideais do Transhumanismo de “aperfeiçoamento” da condição humana pelo controle; 3 – A partir de uma revisão do estatuto ontológico do humano, da realidade e da mente, as perspectivas do Pós- humanismo e do Pragmatismo de matriz peirceana parecem tratar a criatividade como uma dimensão cognitiva incontável na qual o acaso e a originalidade qualitativa sempre poderão explorar a inovação e a ressignificação – perspectivas que divergem daquelas presentes na lógica da supereficiência transhumanista. Neste sentido, concebendo a urgência destas questões para a compreensão da contemporaneidade, é possível sintetizar esses questionamentos assim: a Governamentalidade Algorítmica não apenas monitora o ser humano a partir da compilação de dados comportamentais (a datificação da vida) advinda do Big Data, como também busca controlar sua capacidade de invenção ao reduzir a criatividade a um cálculo probabilístico, de modo que enquanto o transhumanismo parece aceitar essa redução em nome da eficiência funcional, o pós- humanismo e o pragmatismo enfatizam que a criatividade já contém em si certa margem de indeterminação e espontaneidade na qual o incalculável, o acaso e a novidade são fundamentais.

Ser ou parecer? Reflexões sobre a existência inautêntica à luz de Martin Heidegger

Tiffany Ioannidis (Mestranda PGF – UEM) (CAPES)

Em *Ser e Tempo*, Heidegger afirma que, "primeiramente e na maior parte das vezes", o ser-aí (Dasein) existe na cotidianidade impessoal. O "quem" da convivência cotidiana não corresponde a um sujeito determinado, mas à impessoalidade (das Man) que captura o ser- aí. As singularidades tendem a ser suprimidas, enquanto a "medianidade" prescreve o modo de ser cotidiano. Desse modo, as possibilidades existenciais não são assumidas de maneira própria ou autêntica, mas previamente indicadas pelo que se faz, se pensa e se diz usualmente. Enquanto ser-com (Mitsein), o ser-aí constitui-se ontologicamente como coexistência. No entanto, na impessoalidade, essa estrutura degenera em dependência difusa. O indivíduo abriga-se numa normalidade confortável na qual nenhuma decisão autêntica é exigida. A responsabilidade existencial dissolve-se na coletividade anônima, e o ser próprio é encoberto pela conformidade do "todo mundo". As redes digitais intensificam estruturalmente essa dinâmica do impessoal. Sob o regime da visibilidade constante e validação pública, a lógica algorítmica instaura padrões de aparência, comportamento e opinião. Assim, passa-se a avaliar as possibilidades de ação a partir de métricas externas (como curtidas, seguidores e engajamento), que internalizam a medianidade como critério de valor. A identidade converte-se, assim, em performance ajustada ao olhar anônimo da massa digital. Nesse cenário, a existência inclina-se à superficialidade e à diluição da singularidade, nivelando-se por tendências replicáveis. A autenticidade, compreendida como a escolha da possibilidade mais própria do ser, é obscurecida pela absorção no impessoal. As redes digitais, portanto, não produzem originariamente a inautenticidade, mas intensificam a estrutura cotidiana do impessoal, tornando mais árduo ao ser-aí assumir, de modo resolutivo, o seu próprio poder-ser. Diante disso, em um mundo mediado pela exposição e pela validação constante, ainda é possível sustentar uma existência autenticamente própria?

O vitalismo de Nietzsche

Wellington Sa da Silva (Mestrando PGF – UEM)

O vitalismo de Nietzsche, destacamos um vitalismo que é próprio dele, singular e original. Aqui, não é apenas identificar que ele tem uma postura vitalista, ou uma aproximação que tem seus limites, mas, demonstrar que

filósofo alemão formula seu próprio vitalismo por meio da sua filosofia, como afirma Beiser (2023, p. 28) afirma: “no final da década de 1880, quando Nietzsche reafirma sua concepção mais pessoal de filosofia”. Pois, a trajetória filosófica de Nietzsche é marcada por um deslocamento progressivo que vai de uma adesão inicial a referenciais metafísicos herdados, sobretudo de Schopenhauer e pela estética de Richard Wagner, para a elaboração de uma posição crítica e afirmativa própria, que se consolida em sua filosofia de forma mais madura (SOCHODOLAK, 2005).